

CASO CASEY HEYNES: uma abordagem semiótica do bullying na atualidade

CASTRO, Carlos Henrique Silva de
HELAL, Elisângela Rodrigues Andrade Vieira
SILVA, Ester Junia da
GONÇALVES, Ghisene Santos Alecrim

RESUMO:

O objetivo deste trabalho é refletir sobre o bullying na contemporaneidade a partir de uma análise semiótica (greimasiana) de um texto extraído da Revista Nova Escola, que aborda o caso Casey Heynes. Tais reflexões, por sua vez, têm como propósito entender o papel do sujeito nessa narrativa e sua relação com o objeto. Desse modo, acreditamos ser possível melhor entender essa abordagem acerca do bullying, tema recorrente na atualidade.

Palavras-chave: bullying; educação; aceitação.

Considerações Iniciais

*Nature is a language, can't you read?
(Morrisey – "Ask")*

As nossas vidas são guiadas pelas nossas crenças, valores e ideologias que são, invariavelmente, alicerçadas nas nossas emoções e paixões que, por sua vez, são socialmente construídas por meio dos diálogos que experimentamos ao longo de nossas vidas. Lara e Matte (2009) pontuam que paixão e emoção, na semiótica, são termos técnicos que designam fenômenos na relação entre sujeitos pela valorização de determinados comportamentos, flagrantes por fugirem aos padrões estabelecidos. Em texto de 2011, Matte aponta que “[a]s

paixões são estados de alma do sujeito, disposições internas que são moralizadas coletivamente como excessivas ou insuficientes.” Assim, as paixões são criadas pelas moralizações sociais e, portanto, são construções coletivas. As paixões, como resultado das moralizações, são flagrantes nos nossos discursos. Para Castro (2010, p. 47), os enunciados “(...) são um conjunto de signos que invariavelmente serão sempre dotados de ideologias produzidas no meio social”. Corrobora este pensamento, o posicionamento de Bakhtin no que diz respeito às ideologias e aos signos. Para o autor,

“[o] domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo que é ideológico possui um valor semiótico.” (BAKHTIN, 2006, p. 30).

E ainda, “cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade” (BAKHTIN, 2006, p. 30). A partir da crença de que o texto é um conjunto de signos, ideologicamente tecido, de acordo com as paixões que movem os sujeitos, propomo-nos aqui a analisar o percurso semiótico traçado em busca de uma imagem-fim, qual seja, refletir sobre o bullying na década de 2010 a partir de uma análise semiótica de viés greimasiano, em texto extraído da Revista Nova Escola, de acordo com o anexo ao final do texto, que aborda o caso Heynes. Tais reflexões, por sua vez, têm como propósito entender o papel do sujeito nessa narrativa e sua relação com o objeto.

O papel do sujeito na narrativa

Ao falar da construção dos sujeitos na narrativa, é preciso levar em conta que as histórias são construídas em torno de uma figura central que é o protagonista e, devido à sua proeminência no texto, concentra informações importantes sobre os simulacros ou as imagens do autor e do leitor do texto, como propõem Lara e Matte:

(...) o protagonista de uma narrativa nem sempre é sujeito. Assim, o protagonista é um ator do nível discursivo, que corresponde a uma configuração temático-figurativa com uma dinâmica determinada e

que centraliza as relações com outros personagens. (LARA & MATTE, 2009, p. 35)

Ainda seguindo o pensamento de Lara e Matte (2009, p. 36), é possível observar que “o sujeito é diferentemente caracterizado segundo sua relação com o objeto e segundo sua capacidade de modalização”. Nesse sentido, também podemos dizer que o texto deve ser analisado como um todo para possibilitar uma análise mais abrangente.

Para maior entendimento dessa perspectiva, desenvolveremos uma análise considerando o sujeito do fazer (doravante, S1), o sujeito de estado (S2) e o objeto-valor (Ov). Conceitos estes que serão melhor explicados no decorrer do trabalho.

Considerações acerca das emoções

A partir do pensamento de Lara e Matte (2009), consideraremos que o sujeito de fazer age, transforma estados, alterando a junção do sujeito de estado com os valores que são construções sociais. É o sujeito de estado que é afetado, ou seja, que sofre as paixões. Ainda é importante destacar que as fronteiras entre o patêmico e o não patêmico dependem do contexto no qual os sujeitos estão inseridos. Desse modo, o processo de definição da paixão em jogo depende, portanto, não só do saber sobre o sujeito afetado, mas também do quadro de valores sociais e culturais no qual se insere a situação em que a emoção é percebida, como apontam Lara e Matte:

(...) a emoção é entendida como a perturbação do comportamento humano, a qual permite aos atores da comunicação perceber padrões distintivos que revelam estados passionais socialmente carregados de sentido. A semiótica das paixões, portanto, toma a emoção como um conjunto de expressão e conteúdo capaz de gerar efeitos de sentido passionais. (LARA; MATTE, 2009, p. 58)

A partir de tais considerações, entendemos que a emoção e a paixão estão no escopo da semiótica greimasiana e não se confundem. A emoção é o elemento que torna disposições internas e individuais do sujeito passíveis de uma moralização social. Dependendo da cultura e da sociedade, tal emoção será processada como reflexo ou não de uma paixão específica. Dessa forma, a

paixão não é física, é uma interpretação cultural das perturbações corporais perceptíveis, uma moralização social sobre um fazer individual, como também destacam as autoras:

A emoção, portanto, vai ser usada textualmente como pista para a paixão em foco e para a quantificação da profundidade dessa mesma paixão, podendo inclusive determinar, em virtude dessa intensidade, que não se trata de uma, mas de outra paixão dentre aquelas que a narrativa e o discurso selecionam como possíveis. (LARA; MATTE, 2009, p. 64)

A emoção pode ser considerada um incômodo, a sensação de não saber como agir. A emoção congela alguns, enquanto impulsiona outros. A paixão para Heynes é se livrar do bullying e conseguir a aceitação dos colegas. Para isso, o percurso envolve transformações movidas pela emoção, tal como explicaremos na próxima sessão.

Uma análise sobre o bullying

Para abordar a questão do bullying, selecionamos como objeto de análise um texto sobre um caso de bullying sofrido por um aluno de nome Heynes, de uma escola australiana, de 15 anos, que resultou em violência física por parte do agredido que teve tais cenas registradas em vídeo e divulgadas na internet. Fator este que gerou enorme polêmica. Temos pressupostas diferentes linhas de tempo que contam com sujeitos diferentes e transformações já ocorridas no percurso:

- 1) Acontecimentos anteriores ao bullying;
- 2) O(s) momento(s) do bullying;
- 3) O momento da agressão física e da gravação do vídeo;
- 4) A divulgação do vídeo;
- 5) A polêmica e, por fim;
- 6) O questionamento do autor do texto em estudo sobre os acontecimentos que antecederam o episódio gravado envolvendo Heynes.

Focamos a análise na sexta linha de tempo descrita que nos leva a supor que a sociedade está em disjunção com as respostas para o problema e que deve

buscar a junção com o objeto “maior entendimento das questões que envolvem o bullying”. Tal escolha se deu pelo fato de o texto em análise se restringir a estes questionamentos.

O que nos motiva a buscar um maior entendimento sobre a questão é o fato de tal discussão poder causar outra transformação, que levará a sociedade a livrar-se de um anti-objeto, portanto indesejado, que é o bullying. Quando a narrativa apresenta a seguinte afirmação: “O vídeo divulgado na internet gerou muita polêmica”, observamos o relato de duas transformações. A primeira refere-se ao ato de divulgar o vídeo tornando-o público. A segunda refere-se ao ato de a sociedade ver o vídeo e polemizar. A partir daí, encontramos a linha de tempo do percurso descrito no texto selecionado. Neste trecho, partimos do momento em que o vídeo é espalhado pela internet e ganha destaque: “Uma cena de bullying gravada em vídeo se espalhou rapidamente pela internet nos últimos dias e ganhou destaque na imprensa mundial”.

Nesse primeiro trecho, notamos que S1 tinha o vídeo em seu poder, certamente passou de sujeito potencializado a virtualizado, depois a atualizado¹, quando tinha o vídeo em suas mãos e podia divulgá-lo e tornou-se realizado com a conjunção do objeto “divulgação do vídeo”. Da divulgação até causar polêmica, podem ter havido novas transformações não declaradas, como a divulgação do link do vídeo e campanhas em redes sociais.

Para que a gravação fosse possível, houve também um esquema narrativo em que Heynes era o S1 e estava em disjunção com o objeto aceitação por parte dos colegas. Ele se rebela e se transforma em S2 e a violência é a forma

¹ Segundo Lara & Matte (2009), os sujeitos podem ser: a) Potencializado: não quer, não deve, não pode e não sabe fazer. Por isso, está em disjunção com o objeto. Mas a partir de uma crença, adquire potencial para fazer; b) Virtualizado: quer ou deve fazer, mas não pode nem sabe. Assim, também está em disjunção com o objeto; c) Sujeito atualizado: quer ou deve, sabe e pode fazer. Tem todas as condições para realizar a transformação e, portanto, está em eminente conjunção com o objeto; 4) Sujeito realizado: já realizou a transformação e está em conjunção com o sujeito.

encontrada para a conjunção esperada de S2 com o objeto aceitação por parte dos colegas.

Notamos que Heynes age para se livrar do antiobjeto bullying, que tem um valor modal, ou seja, o garoto só alcançará a aceitação desejada (objeto descritivo) quando se libertar do bullying. Heynes passa a sujeito realizado quando consegue a aceitação, o que é descrito na parte 2 do parágrafo 1, cujo trecho reproduzimos a seguir:

"Com o sucesso na rede, Heynes passou de vítima a herói. Alguns dias depois, os dois garotos eram entrevistados em programas de televisão, apresentando sua versão dos fatos."

Nessa parte, podemos identificar que Heynes é o sujeito realizado, tendo em vista que ele quer fazer e faz, ou seja, reage diante das provocações dos colegas. Ao mesmo tempo, ele pode ser considerado o S2, pois a partir da agressão houve uma transformação de sujeito fraco e vitimizado pelo bullying (O1) a sujeito que age e se defende, ou seja, torna-se herói.

Quando o sujeito Heynes passa a realizado, sua violência não é vista como um elemento negativo. O percurso que levou à conjunção com o objeto modal ganhou força naquele momento, tendo em vista que ele também, além do sujeito atualizado, tinha todas as condições para realizar a transformação.

Os outros garotos podem ser visualizados nessa parte como sujeitos virtualizados, levando-se em conta que queriam ou deviam explicar suas ações, mas não sabiam como fazê-lo. A emoção pode também ser vista neste contexto a partir do descompasso ou desconforto desses garotos com a mídia.

Partindo da perspectiva dos meninos entrevistados (S1), podemos perceber que eles se encontram em disjunção com os entrevistadores. Porém, os entrevistadores podem ser considerados como o S2 se entendermos que eles provocaram uma transformação dos entrevistados que eram os manipuladores na escola.

Os entrevistadores, nesse sentido, tinham como antiobjeto os meninos entrevistados por praticarem o bullying. O aluno Casey Heynes passa a ser o sujeito realizado nesse trecho por ter reagido. A sua atitude de violência não foi apontada como elemento negativo.

O vídeo publicado na internet teve grande repercussão. Acreditamos que o grande número de acessos se deve também a identificação das pessoas com Heynes, pois muitos sofreram bullying na infância e ainda sofrem com outras pressões e precisam, de alguma forma, liberar a raiva que têm reprimida. O que Heynes fez, a emoção pode fazer com que muitos queiram fazer em várias situações da vida, mas não o seus intentos a cabo por motivos diversos, como uma paixão que move os sujeito a uma imagem-fim que destoa de atos como os de Heynes. A violência e o inédito são fatores que, de algum modo, atraem a atenção de muitas pessoas. O assunto ganhou espaço nas mídias convencionais, nas escolas e famílias com o objetivo de entender várias questões presentes no caso, como nos diz o excerto que segue do texto em análise:

“Qual o papel da escola na história? O que levou o garoto à reação extrema? Há, de fato, algum herói?”

Partindo desse ponto, consideramos que nesse último fragmento de texto, S1 será a repercussão do assunto, S2 será as emissoras (mídia) e O será refletir sobre o tema bullying, como se evidencia neste trecho:

“Para responder a essas e outras dúvidas, NOVA ESCOLA ouviu as pesquisadoras (...). As considerações das especialistas têm como objetivo mostrar a professores, gestores e pais quais ensinamentos podem ser tirados do fato e como usá-lo no combate - constante - ao bullying.”

A partir de um caso de bullying ocorrido na Austrália e sua publicização, nota-se a presença de uma destinadora (Nova Escola) que deseja levar a sociedade (destinatária e S1) a buscar refletir sobre as questões relacionadas ao problema, que nessa linha de tempo é o objeto. Pois, somente o diálogo e a reflexão podem levar a sociedade a transformações realmente eficazes para a

conjunção com a aceitação das diferenças para que a sociedade se livre do antiobjeto bullying.

Considerações finais

Na primeira parte do texto, entendemos que a sociedade está em disjunção com as respostas para as questões levantadas sobre o bullying. Entendemos que o vídeo foi o detonador da polêmica. Nas cenas gravadas, há um 2º esquema narrativo em que Heynes era o S1 e estava em disjunção com o objeto aceitação por parte dos colegas (O2). Ao se rebelar, Heynes S1 se transforma em S2 por iniciativa própria. Ele age para se livrar do antiobjeto bullying (O1), que tem um valor modal, ou seja, o garoto só alcançará a aceitação desejada (objeto descritivo) quando se libertar do bullying.

Heynes que, inicialmente, estava em disjunção com o objeto aceitação, passa de um sujeito virtualizado a um realizado. Nesse caso, entra em cena o heroísmo que vem com a aceitação da transformação realizada por Heynes. Heynes estava em disjunção com a aceitação (O2), mas, após sua ação, é sancionado como um herói e entra em conjunção com o objeto aceitação dos colegas.

É importante ressaltar que o sucesso na rede também é um objeto modal que permite ao garoto ser sancionado como herói. Se o evento não tivesse repercussão, seria apenas mais um entre tantos outros casos que ocorrem nas escolas e não são fruto de qualquer discussão. Assim, pode-se perceber que toda a paixão envolvida no julgamento e na sanção (o garoto como herói) foi construída pelo diálogo provocado com a divulgação do vídeo. Ou seja, a paixão é construída pela linguagem.

A última parte do artigo vem confirmar isso, pois a Revista Nova Escola questiona se há de fato um herói e usa esse enredo como pretexto para discutir a questão do bullying. Dessa forma, nota-se a presença de uma destinadora (Nova Escola) que deseja levar a sociedade (destinatária e S1) a buscar refletir sobre as questões relacionadas ao bullying (O1), pois somente a

conscientização da sociedade e, respectivamente, a sua ação será capaz de solucionar o problema que é o bullying, um antiobjeto que a sociedade deseja se livrar.

Concluimos que o texto possui referências explícitas de intenções, valores e paixões, bem como das transformações necessárias para se atingir a conjunção definitiva com o objeto valor, qual seja, livrar-se do bullying. Dessa forma, acreditamos que a análise semiótica de discursos pode contribuir positivamente para o entendimento das relações estabelecidas, dos desejos e das paixões do ser humano, considerando, sobretudo, a dinamicidade do homem no mundo.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. Ed, São Paulo: Hucitec, 2006.

CASTRO, Carlos Henrique Silva de. *Emergência de comunidades virtuais de aprendizagem engajadas: quando questões identitárias (não) resultam em diálogo*. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local, Instituto de Educação Continuada, Pesquisa e Extensão, Centro Universitário UNA, Belo Horizonte. 191f. 2010. Disponível em: <http://www.mestradoemgsedl.com.br/wp-content/uploads/2010/06/Dissertacao-carlos.pdf>. Acesso em 01/10/2011.

LARA, Gláucia Muniz Proença; MATTE, Ana Cristina Fricke. *Ensaio de Semiótica: aprendendo com o texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

MATTE, Ana C. F. *Veridicção e Paixão: entrelaçamentos narrativos e discursivos*. 2011. No prelo.

ANEXO

Caso Casey Heynes: o bullying e a omissão da escola²

O vídeo divulgado na internet gerou muita polêmica, mas quase ninguém se perguntou o que houve para a situação chegar a esse ponto. Confira a opinião dos especialistas.

Uma cena de bullying gravada em vídeo se espalhou rapidamente pela internet nos últimos dias e ganhou destaque na imprensa mundial. As imagens, registradas em uma escola australiana, mostram o momento em que Casey Heynes - aluno de 15 anos constantemente agredido pelos colegas - se rebela e parte para cima de um de seus agressores.

Com o sucesso na rede, Heynes passou de vítima a herói. Alguns dias depois, os dois garotos eram entrevistados em programas de televisão, apresentando sua versão dos fatos (assista aos vídeos ao lado).

No calor da repercussão e na maneira superficial como o tema foi tratado pelas emissoras, perguntas fundamentais ficaram sem resposta. Qual o papel da escola na história? O que levou o garoto à reação extrema? Há, de fato, algum herói? Para responder a essas e outras dúvidas, NOVA ESCOLA ouviu as pesquisadoras Adriana Ramos e Luciene Tognetta, do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral (GPEM) da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). As considerações das especialistas têm como objetivo mostrar a professores, gestores e pais quais ensinamentos podem ser tirados do fato e como usá-lo no combate - constante - ao bullying.

(...)

² Trecho de texto disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/caso-casey-heynes-bullying-omissao-escola-622917.shtml>, Acesso em: 20 set. 2011.